



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO – UFOP
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – ICHS
DEPARTAMENTO DE LETRAS – DELET

JOSIANE MOL FERREIRA

**ANDANDO, PLANTANDO E COLHENDO: movimento de construção de
uma identidade docente**

MARIANA – MG Março 2026

JOSIANE MOL FERREIRA

ANDANDO, PLANTANDO E COLHENDO: a construção da identidade docente a partir de uma história de superação

Memorial apresentado como requisito parcial para a obtenção de Licenciatura em Língua Portuguesa, ao Departamento de Letras do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto.

Orientadora: Profa. Dra. Rita Cristina Lima Lages.

MARIANA – MG Março 2026



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS



FOLHA DE APROVAÇÃO

Josiane Mol Ferreira

Andando, plantando e colhendo: a construção da identidade docente a partir de uma história de superação

Monografia apresentada ao Curso de Letras Português da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras Português

Aprovada em 27 de fevereiro de 2026.

Membros da banca

Dra. Rita Cristina Lima Lages - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Ma. Magna Angélica Oliveira Rodrigues - Prefeitura Municipal de Belo Horizonte
Dra. Marileide Lopes do Santos - Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

Dra. Rita Cristina Lima Lages, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 13/03/2026



Documento assinado eletronicamente por **Rita Cristina Lima Lages, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 13/03/2026, às 00:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1074557** e o código CRC **DEFB9D3**.

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) representa muito mais do que o encerramento de uma etapa acadêmica; ela simboliza uma trajetória marcada por desafios, recomeços e perseverança. Chegar até aqui foi resultado de um caminho construído com esforço diário, renúncias e a firme decisão de não desistir, mesmo quando as circunstâncias pareciam desfavoráveis.

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter sido o meu sustento nos momentos de incerteza e de cansaço, renovando as minhas forças quando elas pareciam se esgotar e guiando cada passo desta caminhada. Foi na fé que encontrei equilíbrio, esperança e coragem para seguir.

Aos meus filhos, Pedro Henrique, Emilly e Isabelly, expresso a minha gratidão mais profunda. Vocês foram a razão de cada luta, a motivação para continuar estudando mesmo nos dias mais difíceis e o sentido maior deste percurso. Cada ausência foi pensada por vocês e para vocês, na esperança de construir, por meio da educação, um futuro melhor.

Ao meu esposo Jovelino, agradeço pelo apoio constante, pela paciência e por acreditar em mim, inclusive nos momentos em que eu mesma duvidei da minha capacidade. A sua presença e a parceria tornaram possível a realização deste sonho.

Aos professores do curso de Letras – Português, agradeço pelo conhecimento compartilhado, pelas reflexões propostas e pelo compromisso com uma formação crítica e humana. Cada disciplina contribuiu de forma significativa para a minha constituição acadêmica e para a construção da minha identidade docente.

Agradeço de forma especial à minha orientadora, Professora Doutora Rita Cristina Lima Lages, pela disponibilidade, pelas contribuições criteriosas e pela condução respeitosa ao longo do desenvolvimento deste trabalho. As suas orientações foram essenciais para que este TCC se concretizasse com responsabilidade e coerência.

Registro também a minha gratidão à universidade pública, que me possibilitou o acesso ao ensino superior e reafirmou a minha crença na educação como instrumento de transformação social. Estar aqui é a prova de que trajetórias interrompidas podem ser retomadas e ressignificadas.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte desta caminhada. Cada gesto de apoio, cada palavra de incentivo e cada aprendizado contribuíram para que este trabalho fosse concluído e para que este sonho se tornasse realidade.

*⁶ Aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará, sem dúvida, com
alegria,
trazendo consigo os seus molhos.*

Salmos 126:6

RESUMO

O presente memorial, em uma abordagem autobiográfica, explora o meu percurso de vida e trajeto acadêmico e relatos de experiências. Este memorial relata a trajetória de uma aluna de família de baixa renda e baixa escolaridade, que interrompeu os estudos na infância e apenas aos 32 anos de idade ingressou na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), já casada e com três filhos. Por meio de uma narrativa memorialística, a autora reflete sobre os desafios enfrentados ao longo da vida, a permanência na universidade com apoio de bolsas e projetos como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), e o despertar de sua vocação para a docência. Fundamentado em autores como Nóvoa (1995) e Josso (2004), o texto defende a formação docente como um processo contínuo e transformador, onde a experiência pessoal contribui para a construção de saberes profissionais. A conclusão do curso simboliza a vitória da fé, da persistência e da educação como ferramentas de superação. A identidade docente constrói-se de forma contínua, no entrelaçamento entre teoria, prática, vivências pessoais e reflexões críticas sobre o fazer pedagógico. Faz-se importante afirmar, por meio deste memorial, que a construção da minha identidade docente, ainda em processo formativo, constitui-se na articulação entre experiências pessoais, profissionais e acadêmicas, as quais se entrelaçam e se ressignificam continuamente, contribuindo para a consolidação de uma prática pedagógica crítica, reflexiva e socialmente comprometida.

Palavras-chave: Narrativa memorialística; Trajetória Acadêmica; Superação; Educação transformadora.

ABSTRACT

This memorial, developed through an autobiographical approach, explores my life journey, academic trajectory, and experiential reports. It narrates the path of a student from a low-income and low-education family who interrupted her studies in childhood and, at the age of 32, enrolled at the Federal University of Ouro Preto (UFOP), already married and a mother of three children. Through a memorial narrative, the author reflects on the challenges faced throughout her life, her permanence at the university supported by scholarships and programs such as the Institutional Scholarship Program for Teaching Initiation (PIBID), and the awakening of her vocation for teaching. Grounded in authors such as Nóvoa (1995) and Josso (2004), the text defends teacher education as a continuous and transformative process in which personal experience contributes to the construction of professional knowledge. The completion of the degree symbolizes the victory of faith, perseverance, and education as instruments of overcoming. Teaching identity is constructed continuously through the interweaving of theory, practice, personal experiences, and critical reflections on pedagogical practice. This memorial also affirms that the construction of my teaching identity, still in process, is shaped by the articulation of personal, professional, and academic experiences, which intertwine and are constantly re-signified, contributing to the consolidation of a critical, reflective, and socially committed pedagogical practice.

Keywords: Memoir; Academic trajectory; Overcoming; Transformative education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 A REALIDADE FAMILIAR E O SOCIAL CONTEXTO.....	12
3 O CONTEXTO DA VIDA	13
3.1 O retorno aos estudos na vida adulta: : recomeço de um plantio	14
4 CONQUISTAS E OBSTÁCULOS PARA INGRESSAR NA	15
UNIVERSIDADE: OUTRO PLANTIO	15
4.1 As vivências na universidade pública	16
4.2 A formação docente em construção.....	17
4.3 A experiência no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência	18
(PIBID): primeiros passos na prática pedagógica o reconhecimento da vocação para a docência	18
5 A EDUCAÇÃO COMO MISSÃO E PROJETO DE VIDA.....	20
5.1 A colheita: elementos de uma identidade docente em construção.....	21
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS	22

1 INTRODUÇÃO

A formação docente é um processo que vai muito além da sala de aula e dos conteúdos acadêmicos: ela nasce da vida, das experiências, dos enfrentamentos e das marcas que o sujeito carrega consigo ao longo do tempo. Neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresento uma narrativa que entrelaça as memórias pessoais com o percurso acadêmico de uma mulher que, apesar de múltiplas adversidades, encontrou na educação uma forma de reescrever a sua história.

A proposta de escrever a minha própria história já me acompanhava ao longo do curso, ainda que, por muito tempo, eu não soubesse se seria possível concretizá-la no âmbito acadêmico. A dúvida deu lugar à possibilidade quando conheci a Professora Doutora Rita Cristina Lima Lages, que acolheu esse desejo, acreditou nele e lhe deu forma. Foi por meio de sua orientação sensível e comprometida que compreendi que o memorial poderia se constituir como um espaço legítimo de escrita, no qual as minhas experiências pessoais, trajetórias de vida e vivências formativas poderiam ser narradas, refletidas e ressignificadas, articulando história de vida e formação docente.

O gênero memorial é de suma importância para a formação de alunos e futuros professores. Segundo Cunha, Jesus e Portela (2017), os memoriais de professores evocam a experiência de si, questionam o sentido de suas vivências e aprendizagens e revisitam conceitos importantes. A escrita do memorial de formação é um importante instrumento avaliativo, por possibilitar a análise crítica da relação teoria-prática, no âmbito do seu trabalho, demonstrando o sentido da formação, momento em que se torna possível desconstruir conceitos cristalizados de um fazer por vezes mecânico e desprovido de criticidade, possibilitando ampliar o *corpus* da experiência pessoal e social que tem lugar dentro e fora da escola.

O presente memorial busca registrar esse percurso de superação, evidenciando como as vivências pessoais também constituem saberes pedagógicos. Amparada nas ideias de autores como António Nóvoa (1995) e Marie-Christine Josso (2004), compreende-se que a construção da identidade docente se dá em meio a um processo subjetivo e contínuo, em que o “eu” narrador é, também, um sujeito em constante (re)formação. O relato aqui apresentado valoriza a experiência individual como fonte legítima de reflexão sobre a docência, abrindo espaço para pensar a formação a partir da realidade concreta dos sujeitos.

Nesse sentido, Nóvoa (1995) afirma que a identidade docente não se constrói de maneira isolada ou meramente técnica, mas no entrelaçamento entre história de vida, formação e prática profissional. Para o autor, “a identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não

é um produto; a identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão” (Nóvoa, 1992, p. 16). Essa compreensão reforça a ideia de que ser professor implica um processo contínuo de reflexão sobre si, sobre a própria trajetória e sobre as experiências vividas no exercício da docência.

Já Josso (2004) destaca a importância das narrativas autobiográficas como dispositivos formativos, capazes de produzir sentido e aprendizagem a partir da própria experiência. Segundo a autora, “a narrativa de vida é um processo de formação, na medida em que permite ao sujeito compreender o sentido de sua trajetória e reconhecer os saberes construídos ao longo da experiência” (Josso, 2004, p. 58). Dessa forma, a escrita autobiográfica — ou escrita de si — não se configura apenas como um relato pessoal, mas como uma prática reflexiva que possibilita ao sujeito interpretar, ressignificar e compreender a sua constituição enquanto profissional.

Nesse contexto, o memorial formativo assume um papel central, pois articula vida, formação e prática docente, evidenciando que a construção da identidade profissional está intrinsecamente ligada às experiências sociais, culturais e educacionais vivenciadas ao longo do percurso. A escrita de si, portanto, torna-se um instrumento de reflexão crítica e de produção de conhecimento sobre a própria formação.

Essa perspectiva dialoga diretamente com o pensamento de Paulo Freire, para quem a educação é, essencialmente, um ato de transformação e conscientização. Para o autor, “a educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo” (Freire, 1996, p. 67). Ao compreender a educação como prática libertadora, Freire reforça a importância da reflexão crítica sobre a própria história, reconhecendo o sujeito como protagonista de seu processo formativo.

Assim, ao articular as contribuições de Nóvoa, Josso e Freire, este memorial compreende a formação docente como um processo histórico, reflexivo e transformador, no qual a escrita autobiográfica se constitui como um espaço legítimo de produção de saberes, de construção da identidade docente e de compromisso com uma educação crítica, humana e socialmente responsável.

Interrompida ainda na infância, a minha trajetória escolar parecia fadada ao esquecimento. Filha de uma família de baixa renda e com pouca escolaridade, enfrentei desde cedo uma realidade marcada por privações materiais e emocionais. Foram anos distantes da escola, sem perspectiva de retomada. No entanto, movida por um desejo íntimo de transformação, retomei os estudos na fase adulta, concluí o Ensino Fundamental e o Ensino Médio por meio de provas aplicadas pelo Centro Estadual de Educação Continuada (CESEC),

sem qualquer preparação formal. A conquista do ingresso em uma universidade pública aos 31 anos representa não apenas uma vitória pessoal, mas um símbolo de resistência contra as estatísticas que silenciam histórias como a sua.

Ao longo da graduação, especialmente por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), a autora teve o seu primeiro contato efetivo com o ambiente escolar. Nesse contexto, não apenas aprendeu sobre práticas pedagógicas, mas também se reconheceu como professora. O PIBID foi mais do que um projeto acadêmico: foi um espaço de acolhimento, pertencimento e afirmação de um projeto de vida. Com a prática, vieram a escuta sensível, a empatia com os alunos e a percepção de que o conhecimento acadêmico se fortalece quando dialoga com a vivência e a realidade do outro.

Esse processo de formação foi atravessado por inúmeros obstáculos: dificuldades financeiras, jornadas exaustivas de trabalho como faxineira, responsabilidades familiares e sentimentos de inadequação no ambiente universitário. Ainda assim, a permanência foi possível graças à força do propósito, ao apoio de políticas públicas como a bolsa permanência, e à fé que sustentou os passos em tempos difíceis. Como afirma Freire (1996), “a educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo.” E é por essa perspectiva que encontrei sentido na docência: como missão que nasce do compromisso com o outro e com a possibilidade de mudança.

Dessa forma, o presente trabalho não é apenas um memorial de conclusão de curso, mas o testemunho de que a educação pública, quando acessível e comprometida com a realidade dos estudantes, pode transformar destinos. A história aqui contada é também um convite à reflexão sobre a importância de políticas de acesso e permanência, do acolhimento às trajetórias diversas, e do reconhecimento de que cada aluno carrega um mundo dentro de si.

Este memorial está constituído de seis tópicos, organizados de forma a apresentar, de maneira reflexiva e cronológica, os principais aspectos da minha trajetória pessoal, escolar e acadêmica, bem como o processo de construção da minha identidade docente.

No tópico 2 – A realidade familiar e o contexto social, apresento o contexto familiar e social no qual estou inserida, evidenciando as condições materiais, emocionais e sociais que atravessaram a minha infância e a juventude e influenciaram diretamente a minha relação com a escola e com os estudos.

O tópico 3 – O contexto da vida aborda aspectos centrais da minha trajetória pessoal, destacando experiências que marcaram o meu percurso formativo. No tópico 3.1 – O retorno aos estudos na vida adulta, reflito sobre a decisão de retomar a escolarização após um período de afastamento, os desafios enfrentados e as motivações que impulsionaram esse retorno.

No tópico 4 – Conquistas e obstáculos para ingressar na universidade: outro plantio, discuto os desafios estruturais, sociais e pessoais vivenciados no processo de acesso ao ensino superior. Em 4.1 – As vivências na universidade pública, relato as experiências acadêmicas, as dificuldades de adaptação e as aprendizagens construídas no espaço universitário. Já em 4.2 – A formação docente em construção, analiso o processo formativo no curso de Letras – Português, enfatizando as contribuições das disciplinas, dos estágios e das práticas pedagógicas para a constituição da minha identidade profissional. O subtópico 4.3 – A experiência no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID): primeiros passos na prática pedagógica o reconhecimento da vocação para a docência é dedicado às vivências proporcionadas pelo programa, ressaltando a sua importância na articulação entre teoria e prática e no fortalecimento da formação docente. O tópico 5 – A educação como missão e projeto de vida apresenta uma reflexão sobre a educação enquanto escolha profissional e compromisso ético e social. No subtópico 5.1 – A colheita: elementos de uma identidade docente em construção, retomo simbolicamente o percurso apresentado ao longo do memorial, destacando as conquistas alcançadas e os aprendizados construídos a partir da perseverança, da fé e do investimento na educação. Por fim, no tópico 6 – Considerações finais, retomo os principais pontos discutidos ao longo do memorial, reafirmando a importância da educação na ressignificação da minha trajetória pessoal e profissional, bem como as perspectivas futuras enquanto professora de Língua Portuguesa.

Assim como está escrito no Salmo 126:6 — “Aquele que sai chorando enquanto lança a semente, voltará com cânticos de alegria, trazendo seus feixes” — este memorial representa a colheita de um sonho que foi semeado entre lágrimas, marcado por dificuldades, interrupções e recomeços, mas constantemente regado pela esperança, pela coragem e pela fé. A presença dessa citação bíblica não se dá de forma aleatória, mas se justifica pelo fato de que a experiência com a religião fez e faz parte da minha constituição enquanto sujeito, influenciando diretamente a minha forma de compreender o mundo, enfrentar adversidades e persistir diante dos desafios. Foi por meio da fé que encontrei forças para retomar o percurso escolar após períodos de afastamento, ressignificar experiências dolorosas e acreditar que a educação poderia ser um caminho possível de transformação pessoal e social. Contudo, é fundamental destacar que essa trajetória também foi construída a partir do encontro com a ciência e com a educação formal, que me proporcionaram ferramentas teóricas, críticas e metodológicas para compreender a realidade de maneira mais ampla e fundamentada. A educação, aliada ao conhecimento científico, foi essencial para a consolidação da minha formação acadêmica e para a construção da minha identidade docente, permitindo que fé e razão dialogassem de forma complementar,

orientando a minha caminhada e fortalecendo o meu compromisso com uma prática educativa crítica, ética e socialmente responsável.

A escolha do meu TCC é um memorial que se assemelha ao relato de experiência, pois ambos têm como base as vivências. No memorial, são apresentadas experiências da vida acadêmica e profissional e pessoal, permitindo uma reflexão sobre a trajetória construída ao longo do tempo. Já o relato de experiência também descreve situações vividas e experiências.

Enquanto o memorial tem um caráter mais amplo e reflexivo, abordando diferentes momentos da formação acadêmica e profissional, o relato de experiência é mais pontual, concentrando-se em uma vivência determinada. Assim, ao apresentar um memorial, trago características do relato de experiência, pois ambos valorizam a narrativa pessoal e a reflexão sobre as aprendizagens adquiridas.

2 A REALIDADE FAMILIAR E O CONTEXTO SOCIAL

A realidade familiar e o contexto social nos quais fui inserida eram marcados pela pobreza, pela ausência de escolarização e pela falta de perspectivas. Meus avós maternos moravam em uma chácara no distrito de Cláudio Manoel, no Estado de Minas Gerais (MG) e não possuíam estudo nem condições financeiras estáveis. Éramos, frequentemente, considerados a família mais pobre da região. O sustento da casa provinha de um salário-mínimo, referente à aposentadoria do meu avô. Vivíamos com o básico, inclusive no que se referia à alimentação.

O relacionamento entre os meus pais foi conturbado, marcado por divergências familiares, brigas e separações constantes. A gravidez da minha mãe não foi planejada e aconteceu em um momento que não era considerado ideal para a chegada de um filho. Após o meu nascimento, e diante das sucessivas idas e vindas do relacionamento, a minha mãe decidiu que eu ficaria sob os cuidados dos meus avós maternos.

Tenho algumas lembranças da infância, especialmente das vezes em que visitei a fazenda onde o meu pai trabalhava. São memórias fragmentadas, mas significativas. Recordome de alguns momentos vividos ao lado dele. Contudo, por volta dos meus cinco anos de idade, o meu pai foi assassinado em decorrência de um mal-entendido. Carrego duas lembranças dele: uma boa e outra dolorosa. Essas memórias, embora poucas, marcaram profundamente a minha infância.

Após a morte do meu pai, a minha mãe refez a sua vida. Conheceu outra pessoa, mudou-se para a cidade e constituiu uma nova família, teve mais três filhos. Sempre que possível, ela e os meus irmãos visitavam a casa da minha avó, onde eu permanecia morando.

3 O CONTEXTO DA VIDA

Desde muito nova, precisei aprender a lidar com a ausência, com a comparação e com a escassez. Essas experiências deixam marcas profundas, algumas quase irreparáveis. A minha infância foi atravessada pelas saudades da minha mãe, pelo desejo de ter o meu pai vivo e pela curiosidade de saber como seria crescer em um lar com pai e mãe presentes.

Foi uma infância difícil. Eu estava acima do peso, tinha estrabismo e vivia em um contexto de desigualdade social que me expunha constantemente. Essas condições faziam de mim alvo frequente de chacotas entre crianças e adolescentes da região. Quando fui inserida no ambiente escolar, enfrentei muitas dificuldades de adaptação. As minhas questões internas — emocionais — somadas às externas — sociais e familiares — sempre me levavam ao mesmo lugar: o quarto. Era ali que eu chorava, muitas vezes sufocando o choro no travesseiro. Mas era também naquele mesmo espaço que eu sonhava. Sonhava que um dia sairia daquela realidade, que mudaria a minha história e que, de alguma forma, eu me tornaria motivo de orgulho.

O desejo de “ser alguém” nasceu, em parte, da sensação constante de nunca me sentir suficiente para nada nem para ninguém. As pessoas que eram importantes para mim foram embora — pela morte ou pelas circunstâncias da vida. Essas perdas alimentaram um sentimento de abandono que marcou profundamente a minha construção subjetiva.

Diante desse contexto, a escola tornou-se o lugar onde eu menos desejava estar. Era o espaço em que a minha realidade familiar parecia constantemente exposta. Ali aconteciam as brincadeiras, as piadas, a exclusão. Havia, na verdade, uma ou outra colega que tentava se aproximar, por carinho ou talvez por compaixão. Contudo, na maior parte do tempo, predominava o isolamento.

A soma do contexto familiar, do bullying sofrido e das questões emocionais que me acompanharam na infância e na adolescência resultou em uma decisão drástica. No início do ano letivo da 6ª série, simplesmente declarei que não iria mais à escola. Desisti. A minha avó insistia que eu deveria continuar, houve tentativas de intervenção por parte de minha tia, de minha mãe e de outros familiares — talvez movidos também pelo receio de consequências legais. No entanto, ninguém parecia compreender, de fato, o que se passava dentro de mim.

Hoje percebo que, naquele tempo, pouco se falava sobre saúde emocional, bullying ou sofrimento psíquico na infância. A responsabilidade recaía exclusivamente sobre o indivíduo: a culpa era sempre da criança que “não queria estudar”. Não havia escuta, não havia mediação, não havia acolhimento.

Essas experiências deixaram marcas que ainda hoje procuro compreender e ressignificar. Cresci me sentindo incapaz, culpada por tudo, insuficiente. Acostumei-me ao “não”, à falta de empatia, à ausência de afeto. Aprendi a esperar sempre o pior, nunca o melhor.

3.1 O retorno aos estudos na vida adulta: recomeço de um plantio

É impossível falar sobre o meu retorno aos estudos sem retomar aspectos fundamentais da minha história de vida, inclusive a minha experiência pessoal de fé, que teve papel decisivo nesse processo. Casei-me aos 16 anos, tornei-me mãe aos 17 e novamente aos 20 anos. A minha juventude foi marcada por responsabilidades precoces e por um cenário familiar permeado por dificuldades e conflitos. Contudo, eu já não estava sozinha; havia vidas que dependiam de mim.

Com o passar dos anos, comecei a refletir sobre a realidade que estava construindo para os meus filhos. Perguntava-me o que poderia fazer de diferente para transformar aquele contexto e oferecer a eles oportunidades que eu mesma não tive. Esses questionamentos, entretanto, permaneciam em silêncio. Eu não compartilhava os meus sonhos por receio de julgamentos, especialmente da ideia recorrente de que, após o casamento e a maternidade, não haveria mais espaço para os estudos.

Diante dessa realidade, inseri-me no mercado de trabalho, ainda que em funções de pouca valorização social e baixa remuneração. Atuei como babá, camareira, auxiliar de serviços gerais e faxineira. Sabia, contudo, que, sem escolarização, dificilmente alcançaria mudanças significativas em minha condição de vida.

Foi também nesse período que passei a frequentar uma igreja evangélica, espaço no qual vivenciei uma experiência de fé que ressignificou a minha trajetória. Essa vivência trouxe direção, esperança e fortalecimento emocional para enfrentar os desafios cotidianos. Em um episódio marcante, ao visitar a casa de uma amiga, fui surpreendida por uma ligação telefônica de uma pastora que eu nunca havia visto e que sequer conhecia a minha história. Em meio à conversa, ela afirmou palavras que marcaram profundamente a minha caminhada: que eu “voaria longe” e que me contemplava dentro de uma faculdade, com o nome de Jesus sendo glorificado por meio da minha vida.

À época, eu tinha 24 anos e aquela afirmação parecia distante da minha realidade. Questionei internamente como alguém com a minha trajetória escolar interrompida poderia ingressar no Ensino superior — espaço que, até então, eu associava apenas a pessoas consideradas “muito inteligentes” ou com formação sólida desde a infância. Ainda assim, segui trabalhando e sustentando a minha família, enquanto aquela palavra permanecia guardada em minha memória.

Algum tempo depois, ouvi, casualmente, uma jovem comentando na porta da igreja sobre a possibilidade de concluir o Ensino Fundamental e Médio por meio de provas aplicadas na cidade de Ponte Nova – MG. Embora não tenha perguntado diretamente naquele momento, busquei informações posteriormente e agendei a minha avaliação no CESEC — em Ponte Nova.

Não realizei curso preparatório, tampouco possuía informações detalhadas sobre o processo. Fui movida pelo desejo de concluir os meus estudos e retomar sonhos que haviam sido silenciados pelas circunstâncias da vida. Após um ano e a realização de oito provas — quatro para conclusão do Ensino Fundamental e quatro para o Ensino Médio — finalizei essa etapa em novembro de 2015. Recordo-me da intensidade daquele momento: chorei profundamente, pois aquela conquista representava mais do que um certificado; simbolizava a retomada da minha própria história.

Posteriormente, em 2017, nasceu a minha terceira filha. Ainda com ela nos braços — e, anteriormente, no ventre — eu já alimentava projetos futuros, agora sustentados por uma nova perspectiva de vida. A maternidade, que por muitos poderia ser vista como obstáculo, tornava-se para mim motivo e força para continuar avançando.

4 CONQUISTAS E OBSTÁCULOS PARA INGRESSAR NA UNIVERSIDADE: OUTRO PLANTIO

Após concluir o Ensino Médio, deparei-me com uma realidade concreta e desafiadora: apenas essa etapa de escolarização não seria suficiente para garantir melhores oportunidades de trabalho ou aumento de renda. Foi nesse contexto que, por meio do acesso à internet, descobri a existência do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e a possibilidade de ingressar gratuitamente em uma universidade pública. Essa descoberta ampliou os meus horizontes e despertou em mim a perspectiva de continuidade dos estudos.

Em 2016, iniciei a minha trajetória realizando as provas do Enem. Em uma das tentativas, cheguei a ser aprovada, porém cometi um erro no processo de inscrição, o que inviabilizou a minha matrícula. Esse episódio representou uma frustração significativa, mas não

suficiente para interromper o meu objetivo. Persisti, e foi somente na edição de 2020, quando consegui aprovação, ingressando-me na turma de 2021.2 da UFOP.

O momento da aprovação foi marcado por intensa emoção. Chorei ao receber a notícia, pois compreendia a dimensão daquela conquista. Ao mesmo tempo, sentia insegurança: não conhecia o ambiente universitário, não tinha clareza sobre os conteúdos que enfrentaria e tampouco compreendia plenamente a dinâmica acadêmica. Havia, contudo, uma convicção que me sustentava: independentemente dos obstáculos, eu não desistiria.

O ingresso na universidade também evidenciou novas dificuldades, especialmente relacionadas ao acesso e ao uso da internet, algo que não fazia parte da minha realidade cotidiana. Processos aparentemente simples, como a organização e envio de documentos, demandam horas de tentativa e aprendizado. Cada etapa exigia esforço redobrado, revelando que o acesso ao ensino superior envolve não apenas aprovação em exame, mas também domínio de procedimentos burocráticos e tecnológicos que nem todos os estudantes tiveram oportunidade de aprender previamente.

Apesar das dificuldades iniciais, consegui regularizar toda a documentação e efetivar a minha matrícula. A minha turma foi a primeira a iniciar as atividades presenciais no período pós-pandemia COVID-19, o que adicionava ainda mais complexidade ao cenário, considerando os impactos educacionais e sociais decorrentes desse contexto.

Assim, o meu ingresso na universidade não representou apenas uma conquista acadêmica, mas a abertura de um novo ciclo de desafios, aprendizagens e transformações pessoais.

4.1 As vivências na universidade pública

No meu primeiro dia na universidade, senti uma emoção intensa. Desde a preparação da roupa até o frio na barriga acompanhado do pensamento: “Meu Deus, como será?”. Ao chegar ao Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFOP (ICHS/UFOP), experimentei um misto de sentimentos. Eu vinha de uma rotina restrita entre igreja, trabalho e casa; estar naquele ambiente acadêmico representava algo completamente novo para mim. Tomei um susto inicial diante daquela realidade tão diferente, mas, aos poucos, fui me adaptando. Entrei determinada a não desistir, a resistir às diferenças de pensamento e crenças, acreditando que não seria desrespeitada e que também respeitaria a todos.

O início foi extremamente difícil. A minha formação escolar havia sido fragilizada; eu havia estudado pouco e reconhecia que não dominava muitos conteúdos básicos. Tanto nas

provas do Cesec quanto no Enem, enfrentei inúmeras dificuldades. Respondi o que sabia, mas, em muitas questões, recorri ao que imaginava ser a alternativa correta. Já na trajetória acadêmica, as dificuldades tornaram-se ainda mais evidentes, especialmente na escrita. Não conseguia apresentar seminários com segurança, pois não me sentia preparada e não dominava suficientemente os conteúdos. Mesmo estudando nos intervalos possíveis e, muitas vezes, durante as madrugadas, percebia que tinha dificuldade para acompanhar colegas que haviam concluído recentemente o Ensino Médio e que possuíam repertório cultural mais amplo.

Eu nunca havia saído da minha cidade, não tinha o hábito de leitura, tampouco havia tido acesso a filmes e outros conteúdos que contribuíssem para a minha formação cultural — lacuna que se tornava ainda mais perceptível nas disciplinas de Literatura. Quando me deparei com obras como **Iliada** e **Odisseia**, nos estudos clássicos, senti um grande impacto. Era uma realidade completamente distinta da minha experiência de vida. Compreendi que não seria possível suprir essas lacunas de forma imediata; seria um processo gradual, que exigiria paciência, dedicação e tempo. Contudo, o tempo parecia sempre insuficiente — cursamos três períodos em um único ano, o que intensificou ainda mais os desafios.

Foi um período extremamente exigente. Embora nunca tenha cogitado desistir, o medo de não conseguir acompanhar era constante. Ainda assim, havia aspectos positivos: encontrei pessoas dispostas a ajudar. Ao longo do tempo, fui conhecendo melhor os meus colegas e, ao perceberem as minhas dificuldades, muitos demonstraram respeito e ofereceram apoio dentro de suas possibilidades.

Recordo-me de que, ao final do primeiro período, estava ansiosa pelas notas finais. Não obtive notas altas, mas consegui aprovação em todas as disciplinas, inclusive em Estudos Literários e Clássicos, que para mim foram as mais desafiadoras. Em determinado momento, um professor afirmou que a minha escrita era frágil e que a minha aprovação se devia à frequência e ao esforço demonstrado. Em parte, ele tinha razão. A minha escrita realmente precisava melhorar. Contudo, também me questionava: como poderia apresentar uma escrita consistente diante das condições educacionais que vivi? Na redação do Enem, por exemplo, não alcancei sequer 500 pontos. Era evidente que eu precisaria de tempo, prática e amadurecimento para evoluir na escrita e nos demais aprendizados acadêmicos.

4.2 A formação docente em construção

Demorei alguns períodos para compreender o que eu estava fazendo naquele ambiente e, principalmente, no que eu iria me tornar após o curso. Na verdade, eu não tinha tempo — e

talvez nem estrutura emocional — para pensar no “depois”. Trabalhava na faxina o dia inteiro e estudava à noite. A minha rotina era sobreviver às demandas do presente. Eu fazia o que precisava ser feito. Não pensava muito no futuro, nem revisava o passado. Apenas seguia.

Acredito que, quando temos um foco muito claro, precisamos blindar os pensamentos para não nos perdermos no caminho — e isso eu conseguia fazer bem. Era como se eu organizasse a minha mente para suportar o peso da caminhada. Com o tempo, algumas curas silenciosas vão acontecendo, e a gente começa a perceber que está evoluindo, mesmo sem notar no início.

A trajetória de um estudante universitário já não é simples. Mas entrar na universidade da forma como eu entrei exigiu que eu lutasse duas ou três vezes mais para obter êxito no que a formação docente exige. Era como tentar recuperar anos de estudo em um único período, enquanto acompanhava, simultaneamente, as disciplinas do semestre. Havia um esforço constante para não ficar para trás.

Fui amparada pela universidade por meio da bolsa permanência, que contribuiu significativamente para os meus gastos. Ainda assim, muitas vezes me questioneei se eu estava preparada para aquele espaço. Ou seria o próprio ambiente universitário que ainda não está preparado para receber estudantes com trajetórias como a minha? Não sei responder com precisão. Mas é uma pergunta que permanece comigo.

Do segundo para o terceiro período, recebi uma notificação por e-mail sobre o PIBID. Eu não sabia exatamente do que se tratava e fui buscar informações. Confesso que, inicialmente, pensei no valor da bolsa — ela poderia ajudar nas despesas de casa e, quem sabe, permitir que eu diminuísse o trabalho nas faxinas e tivesse mais tempo para estudar. Fiz a inscrição, fui selecionada e, sem imaginar a dimensão do que estava começando, passei a vivenciar um dos períodos mais preciosos e formativos da minha trajetória acadêmica.

4.3 A experiência no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID): primeiros passos na prática pedagógica o reconhecimento da vocação para a docência

A minha participação no PIBID, no período de 2022 a 2024, constituiu-se como um marco formativo essencial em minha trajetória acadêmica. Enquanto política pública voltada para o fortalecimento da formação inicial de professores, o PIBID tem como objetivo aproximar universidade e escola básica, possibilitando ao licenciando vivenciar, ainda durante a graduação, os desafios concretos da prática docente. Nesse sentido, a minha inserção no

programa representou não apenas uma experiência prática, mas um processo estruturante de construção da identidade profissional.

Considerando que a minha trajetória escolar foi marcada por interrupções e que não vivenciei integralmente o Ensino Fundamental II enquanto estudante, a experiência no PIBID assumiu um caráter ainda mais significativo. A inserção em uma escola estadual da cidade, acompanhando uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental II, possibilitou-me compreender a complexidade do espaço escolar para além das concepções teóricas discutidas na universidade. Conforme aponta Nóvoa (1992), a formação docente se constrói na articulação entre saberes acadêmicos e saberes da experiência, sendo o contato com a realidade escolar elemento indispensável para a consolidação da profissionalidade docente.

Durante os dezoito meses de participação, a observação das aulas revelou-se um processo de aprendizagem em dupla dimensão: de um lado, aprofundei-me nos conhecimentos específicos da Língua Portuguesa, especialmente no campo da gramática; de outro, desenvolvi competências relacionadas à mediação pedagógica, ao planejamento, à gestão de sala e à leitura sensível das necessidades dos alunos. Tal vivência confirma a perspectiva de Tardif (2002), ao afirmar que os saberes docentes são plurais e se constituem na interação entre formação acadêmica, experiência prática e contexto institucional.

Além disso, o PIBID contribuiu significativamente para a construção da minha identidade docente, entendida como um processo contínuo de reflexão sobre a prática. A convivência com os estudantes permitiu-me perceber que o ensino de Língua Portuguesa vai além da transmissão de conteúdos normativos, envolvendo dimensões sociais, culturais e formativas. Nesse aspecto, a experiência dialoga com a concepção de professor como agente social, defendida por Freire (1996), para quem o educador exerce um papel ético e político na formação crítica dos sujeitos.

Os desafios enfrentados ao longo do programa — inseguranças iniciais, necessidade de aprofundamento teórico e adaptação às demandas da turma — foram fundamentais para o amadurecimento profissional. Ao vivenciar o cotidiano escolar, compreendi que a docência exige não apenas domínio de conteúdo, mas também sensibilidade, compromisso social e constante reflexão. O PIBID, portanto, não se limitou a oferecer uma experiência prática, mas possibilitou a integração entre teoria e prática, elemento central na formação de professores críticos e reflexivos.

Assim, a participação no PIBID consolidou a minha escolha profissional e fortaleceu a minha compreensão acerca do papel social do professor na sociedade contemporânea. Mais do que um programa de iniciação à docência, constituiu-se como espaço de construção de saberes,

de ressignificação da minha própria trajetória escolar e de afirmação da educação como instrumento de transformação social.

5 A EDUCAÇÃO COMO PROFISSÃO E PROJETO DE VIDA

Com todos os desafios enfrentados para chegar até aqui, percebo que antes de eu escolher a letra, a letra me escolheu e me abraçou. A educação muda vidas e vidas são mudadas através da educação. Por mais difícil que seja a realidade, o mundo lá fora. Por mais desafiadoras que sejam as nossas vidas, as nossas questões pessoais, emocionais e familiares, por mais difícil que seja a nossa trajetória, a educação sempre será o caminho da mudança. Se hoje estou escrevendo esse TCC, é porque acreditei que a educação poderia me levar muito mais longe. Tenho certeza de que ainda alçarei muitos voos e a educação será sempre o ponto inicial para todo e qualquer projeto. A minha vida foi mudada através da educação e hoje tenho uma profissão/meta especial: contribuir na vida das pessoas e compartilhar um pouco do conhecimento que adquiri. Acredito que a educação transforma não só a mente, mas também a forma de ver o mundo e de acreditar em si mesmo. Ensinar, para mim, é uma forma de cuidar, incentivar e ajudar outras pessoas a encontrarem novos caminhos, assim como aconteceu comigo. Quero ser alguém que inspira, apoia e faz a diferença, mesmo que seja em pequenos gestos. Paulo Freire, em seu livro **Pedagogia da Indignação**, disse: “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. Freire nos lembra que, embora a educação sozinha não seja capaz de mudar toda a sociedade, sem ela nenhuma transformação verdadeira é possível. Ou seja, a educação é um elemento essencial para formar pessoas críticas, conscientes e capazes de promover mudanças sociais.

Dessa forma, ao revisitar minha própria trajetória, marcada pela evasão escolar na infância, pelo retorno aos estudos na vida adulta e pelo ingresso na universidade pública, compreendo que minha história dialoga diretamente com o pensamento de Paulo Freire. Como afirma Freire (1996, p. 38), “a educação é uma forma de intervenção no mundo”, evidenciando que o processo educativo ultrapassa os limites da sala de aula e se constitui como prática transformadora da realidade.

Além disso, ao reconhecer a educação como um ato político e histórico, Freire (1987, p. 34) destaca a conscientização como compromisso com a transformação social. Assim, minha formação não representa apenas uma conquista individual, mas a construção de uma consciência crítica que me possibilitou re significar minha própria história e assumir meu lugar como educadora.

5.1 A colheita: elementos de uma identidade docente em construção

A minha formação como educadora não se deu de forma linear, tampouco restrita aos espaços formais de ensino. Tornar-me professora de Língua Portuguesa foi resultado de um percurso atravessado por experiências de vida, desafios pessoais, retomadas e pelo encontro com a educação como possibilidade real de transformação. Cada vivência, dentro e fora da escola, contribuiu para que eu compreendesse o valor da linguagem como instrumento de expressão, resistência e reconstrução de trajetórias.

O curso de Letras – Português agregou à minha formação não apenas conhecimentos linguísticos e literários, mas, sobretudo, uma compreensão mais crítica sobre o ensino da língua materna. As disciplinas, os estágios supervisionados e as práticas pedagógicas possibilitaram o contato com diferentes concepções de linguagem, ensino e aprendizagem, ampliando o meu olhar sobre o papel social do professor de Língua Portuguesa. Nesse processo, compreendi que ensinar língua vai além da norma gramatical, pois envolve escuta, diálogo, leitura de mundo e valorização das experiências dos alunos.

A minha experiência de vida reflete diretamente na construção da minha identidade docente. As interrupções no percurso escolar, o retorno aos estudos na vida adulta e o ingresso na universidade pública fizeram com que eu desenvolvesse uma postura sensível às realidades diversas dos estudantes. Essa trajetória me ensinou que cada aluno carrega histórias, dificuldades e potencialidades próprias, o que reforça a necessidade de uma prática pedagógica humana, empática e comprometida com a inclusão e o respeito às diferenças.

Ao refletir sobre os professores que tive ao longo da minha formação e aqueles com os quais convivi durante o curso e os estágios, reconheço marcas importantes que influenciaram a minha constituição docente. Alguns professores foram referência pelo acolhimento, pela escuta e pelo incentivo, despertando em mim o desejo de ser uma professora que acredita no aluno e no poder transformador da educação. Outros, por sua vez, serviram como contraponto, mostrando práticas das quais não desejo reproduzir, como a falta de diálogo, a rigidez excessiva e o distanciamento da realidade dos estudantes. A partir dessas experiências, construí a imagem da professora que desejo ser: uma docente comprometida com o conhecimento, mas também com o humano; exigente, porém sensível; crítica, sem perder a capacidade de acolher.

Nesse sentido, reconheço-me como uma professora em formação, compreendendo que a identidade docente não é fixa ou concluída, mas está em constante construção. Essa percepção dialoga com Nóvoa (1992), ao afirmar que a identidade profissional é um espaço de lutas, conflitos e reconstruções permanentes, constituída na articulação entre história de vida,

formação e prática. Do mesmo modo, Josso (2004) contribui ao evidenciar que as narrativas de vida são processos formativos, pois permitem ao sujeito atribuir sentido às experiências vividas e reconhecer os saberes construídos ao longo da trajetória.

Assim, a minha identidade como professora de Língua Portuguesa se configura como um processo inacabado, em constante movimento, atravessado pela experiência, pela reflexão crítica e pelo compromisso com uma educação transformadora, conforme defendido por Freire (1996), para quem ensinar implica reconhecer-se como sujeito histórico, capaz de aprender, ensinar e transformar a realidade por meio da educação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espero, por meio da leitura deste relato pessoal, motivar outras pessoas que vivenciaram trajetórias semelhantes à minha, marcadas por interrupções nos estudos, dificuldades socioeconômicas e pelo sentimento de que a universidade não seria um espaço possível. Ao tornar pública a minha experiência, acredito poder contribuir, ainda que indiretamente, para o fortalecimento da entrada e da permanência de estudantes no ensino superior, ao evidenciar que desafios como adaptação acadêmica, conciliação entre estudo, trabalho e família, dificuldades financeiras e inseguranças pessoais podem ser enfrentados e superados. Este memorial pode, por exemplo, servir como referência para estudantes em situação de vulnerabilidade, inspirar ações de acolhimento institucional, projetos de apoio pedagógico, políticas de permanência estudantil e práticas docentes mais sensíveis às múltiplas realidades que atravessam a vida universitária. Finalmente, este TCC possui suma importância para mim, primeiramente, por representar a consolidação de um percurso formativo marcado por resistência e superação, mas também por poder contribuir para a sociedade de modo mais amplo, ao reafirmar que nunca é tarde para iniciar um novo percurso de formação profissional, lançar novas sementes e investir em um novo plantio, cujo crescimento se dá por meio do conhecimento, da educação e da persistência.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2009. Salmo 126:6.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos (Editora UNESP, 2000, p. 67).

HOMERO. **Ilíada**. Disponível em: file:///C:/Users/josiane/Downloads/iliada-homero.pdf. Acesso em: 21 fev. 2026.

HOMERO. **Odisseia**. Disponível em: file:///C:/Users/josiane/Downloads/odisseiahomero.pdf. Acesso em: 21 fev. 2026.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.